

## **Produção Industrial do RS apresenta queda recorde em maio**

- A produção industrial gaúcha despencou 26,2% em maio na comparação com abril, na série com ajuste sazonal, a maior queda já registrada, devido às fortes chuvas e inundações. Com o resultado, o nível de produção atingiu o segundo menor patamar da série histórica.
- Na comparação com maio de 2023, a produção industrial do RS desabou 22,7%, a terceira maior queda registrada nessa base. Os segmentos de Químicos (-52,8%), Máquinas e equipamentos (-37,9%) e Alimentos (-13,2%) foram os mais afetados.
- Embora haja expectativa de melhora nos indicadores nos próximos meses, a maior preocupação recai sobre o panorama de longo prazo. Políticas públicas coordenadas e soluções para os problemas crônicos são essenciais para um futuro mais próspero para a economia gaúcha.

## **Dinâmica recente do desalinhamento da taxa de câmbio dos seus fundamentos de longo prazo**

- A taxa de câmbio brasileira apresentou forte desvalorização nos últimos seis meses. Em junho de 2024, a divisa brasileira (R\$ 5,39/US\$) estava cotada acima da taxa compatível com seus fundamentos (R\$ 5,13/US\$). Esse desalinhamento entre a taxa observada e seus fundamentos de longo prazo indica um momento de estresse na economia. Dois cenários são possíveis: se o governo adotar medidas fiscais responsáveis, o mercado poderá reagir com a apreciação da moeda. Caso contrário, as variáveis subjacentes relacionadas ao risco podem aumentar, levando a um patamar de equilíbrio mais elevado para a taxa de câmbio, com impactos negativos sobre a inflação.

## **Exportações da Indústria de Transformação gaúcha no primeiro semestre de 2024**

- A indústria de transformação do Rio Grande do Sul enfrenta um momento desafiador. Nos primeiros seis meses de 2024, as exportações do setor registraram uma queda de 10,8% em relação ao mesmo período do ano passado. Esse resultado negativo é reflexo de um cenário internacional menos favorável, marcado por políticas monetárias contracionistas para conter a inflação, e do impacto do choque climático que atingiu o estado, que afetou a capacidade produtiva das empresas.

## Produção Industrial do RS apresenta queda recorde em maio

A produção industrial gaúcha despencou 26,2% em maio na comparação com abril, na série com ajuste sazonal, segundo dados do IBGE divulgados na última sexta-feira (12/07). É a maior queda na margem já apurada pela pesquisa. Com o resultado, o nível de produção atingiu o segundo menor patamar da série histórica, iniciada em 2002, somente acima de abril de 2020. Sem o ajuste sazonal, a contração foi de 23,4%, com resultados negativos em 13 dos 14 setores pesquisados. As quedas mais intensas foram em Químicos (-47,4%), Metalurgia (-36,6%), Veículos automotores (-35,2%), Tabaco (-30,0%) e Derivados do petróleo e biocombustíveis (-29,0%). O único setor que avançou foi o de Móveis (+0,6%). Nacionalmente, a queda da produção industrial foi de 0,9% na base ajustada sazonalmente.

Na comparação com maio de 2023, a produção industrial do RS desabou 22,7%, a terceira maior queda registrada nessa base, superada apenas pelos meses de abril (-36,1%) e maio de 2020 (-27,1%). Houve queda em 12 dos 14 segmentos pesquisados. Os maiores impactos vieram de Químicos (-52,8%), Máquinas e equipamentos (-37,9%), Alimentos (-13,2%), Veículos automotores (-26,9%) e Tabaco (-34,6%). A redução da produção industrial brasileira nessa mesma base foi de 1,0%.

### Produção Industrial do RS

(Índice de base fixa mensal – Fev/2013 = 100 – Dessazonalizado)



Fonte: PIM-PF/IBGE.

Com isso, a produção industrial gaúcha, que acumulava até abril aumento de 5,2%, passou a registrar queda de 1,1% quando comparados os primeiros cinco meses de 2024 e 2023. A produção nacional acumulou alta de 2,5% no mesmo período. Apenas a indústria paraense (-1,6%) caiu mais do que a gaúcha entre os 17 estados pesquisados, destacando Santa Catarina (+6,4%), Rio de Janeiro (+5,5%), São Paulo (+3,6%), Minas Gerais (+1,0%) e Paraná (+0,1%).

Regionalmente, 10 dos 14 setores pesquisados diminuíram a produção no acumulado de janeiro a maio de 2024 ante o mesmo período do ano passado. As perdas mais relevantes para o resultado global foram em Máquinas e equipamentos (-26,7%), Químicos (-13,9%), Veículos automotores (-10,2%) e Alimentos (-4,8%). Por outro lado, Derivados de petróleo e biocombustíveis (+48,1%), Couros e calçados (+5,2%), Papel e celulose (+4,9%) e Móveis (+7,1%) registraram crescimento.

A partir da divulgação dos dados de junho, é possível que já se observe sinais de retomada na produção, com os números superando ligeiramente os de maio. Muitas empresas que haviam interrompido suas operações conseguiram reiniciar, contribuindo para uma leve recuperação. No entanto, o caminho para alcançar os níveis pré-crise, particularmente os registrados em abril, será gradual e exigirá alguns meses de esforço contínuo. Muitas empresas ainda estão envolvidas em processos críticos, como limpeza de instalações danificadas, reconstrução de infraestrutura e investimento em novo maquinário.

A velocidade dessa recuperação econômica depende diretamente da chegada de recursos e medidas eficazes por parte do setor público. Infelizmente, tem sido evidente uma considerável demora na entrega desses recursos essenciais, com anúncios de políticas que frequentemente não se materializam no apoio necessário às empresas na prática. Até o momento, as medidas adotadas têm se mostrado insuficientes em diversas frentes cruciais, como a trabalhista, a tributária e a de crédito, ampliando os desafios enfrentados pelos setores produtivos.

Embora haja expectativa de melhora nos indicadores nos próximos meses, a maior preocupação recai sobre o panorama de longo prazo. No Rio Grande do Sul, um dos grandes desafios persistentes tem sido a deficiência logística decorrente de uma infraestrutura inadequada, problema agravado durante este período de crise climática. Além disso, questões estruturais preexistentes como a demografia desfavorável, a baixa produtividade, a elevada carga tributária e a insegurança jurídica continuam a demandar soluções.

Diante desse contexto desafiador, é crucial que sejam implementadas políticas públicas efetivas e coordenadas, não apenas para restaurar a economia a curto prazo, mas também para fortalecer as bases econômicas e resolver os problemas estruturais que limitam o crescimento a

longo prazo. Essa abordagem não só impulsionará a recuperação atual, mas também garantirá um futuro mais resiliente e próspero para a economia do Estado.

### **Dinâmica recente do desalinhamento da taxa de câmbio dos seus fundamentos de longo prazo**

Houve uma depreciação de 10,0% na taxa de câmbio brasileira nos últimos seis meses (de R\$ 4,90/US\$ em dez/23 para R\$ 5,39/US\$ em jun/24)<sup>1</sup> e de 4,99%, comparando-se jun/24 com relação a mai/24 (R\$ 5,13/US\$). A taxa é de suma importância por afetar tanto o fluxo de comércio internacional – do Brasil e do Rio Grande do Sul – quanto a inflação no mercado doméstico. Desse modo, a dinâmica do câmbio pode influenciar o aumento das exportações (caso a depreciação cambial afete mais os preços dos produtos finais do que os custos dos insumos) ou a queda das importações (caso os preços médios dos produtos importados aumentem mais rapidamente do que os observados no mercado interno). Nesse informe trataremos dos desenvolvimentos recentes, assim como seus fatores causais.

Por seu papel *chave*, as linhas de argumentação que tentam explicar seu comportamento são variadas. A maioria das justificativas, no entanto, centra-se na utilização de variáveis que visam capturar o comportamento das expectativas dos indivíduos, o diferencial de remuneração entre o mercado interno e o externo e, por fim, o nível de risco percebido pelos agentes de mercado. Para dar melhores contornos a esses fatores, utiliza-se um modelo simples com ajuste de longo prazo, isto é, permite-se que haja desvio entre a taxa de câmbio observada de seus fundamentos por certo tempo, mas com convergência conforme o tempo passa. Para apoiar a calibragem do modelo final, utilizam-se as seguintes covariáveis:

- *Credit Default Swaps* (CDS)<sup>2</sup> de 5 anos do Brasil – Risco associado à inadimplência;
- Juros Reais *ex-ante* – Remuneração do mercado externo ( $rt^*$ ) e interno ( $rt$ )<sup>3</sup>;
- O índice CRB<sup>4</sup> – Busca capturar a parcela do risco associada a movimentos de *commodities*;

<sup>1</sup> Utilizou-se a taxa de câmbio média em cada mês.

<sup>2</sup> Os *Credit Default Swaps* (CDS) são um tipo de seguro contra o risco de inadimplência de um determinado país no mercado financeiro. Quanto maior o preço, maior a possibilidade de inadimplência.

<sup>3</sup> Utilizam-se a taxa de remuneração média dos juros de 1 ano de Brasil e EUA descontando-se a inflação esperada para os próximos 12 meses em ambos países.

<sup>4</sup> O CRB (*Commodity Research Bureau*) age como um índice dos preços globais de *commodities*.

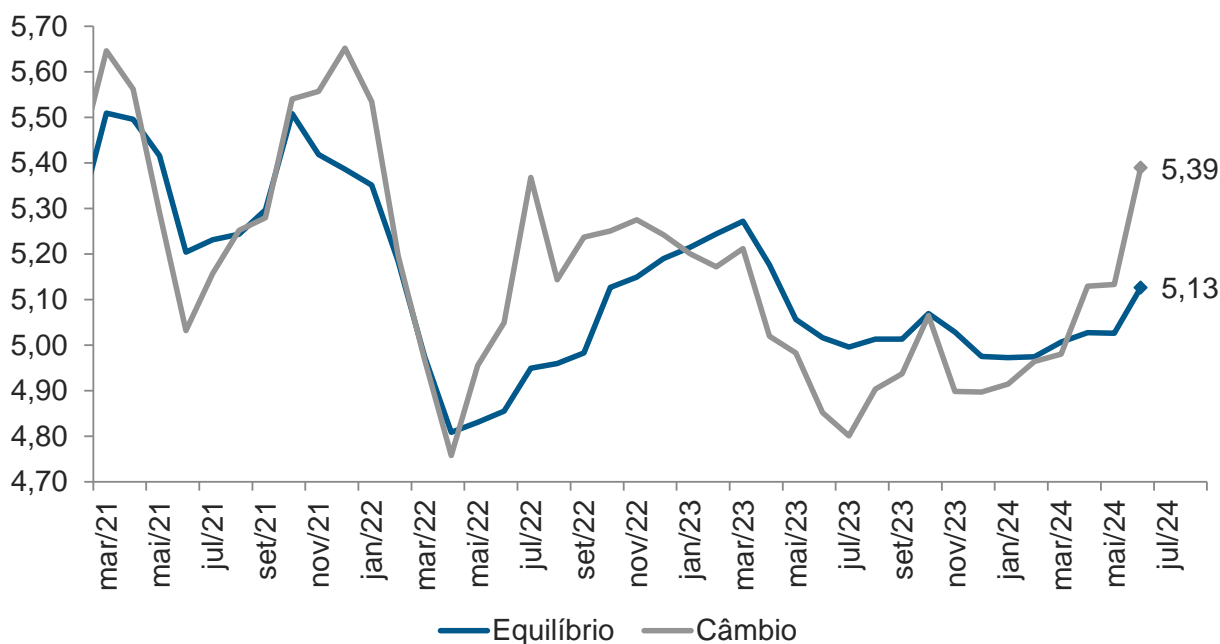
- *US Dollar Index*<sup>5</sup> (DXY) – Com o intuito de verificar o aumento do apetite ao risco do mercado;
- Expectativas de câmbio – Tendo o Boletim Focus como fonte principal (Et);

Adicionalmente, o modelo calibrado leva em consideração que os desvios do câmbio observado com relação aos seus fundamentos têm média zero. Ou seja, *no longo prazo*, a dinâmica da taxa se aproximará do equilíbrio. Desse modo, pode-se determinar a participação que cada um desses fatores têm na variação nominal e relativa da divisa brasileira, o que nos permite inferir o *quão distante* ela está de seus fundamentos macroeconômicos.

A *distância* existente entre a taxa de câmbio nominal e a de *equilíbrio* é de suma importância para verificar os momentos de maior estresse no mercado, visto que grandes desvios dos fundamentos estão, por construção, associados a períodos de instabilidade. Quando ocorre um descompasso muito grande, há três cenários possíveis: i) a taxa de câmbio corrige sua trajetória em direção ao valor de equilíbrio, ii) os fundamentos subjacentes, que governam o comportamento de longo prazo, se alteram ou iii) uma combinação dos cenários i) e ii). Isto é, momentos de estresse excessivo podem acabar por mudar a trajetória do equilíbrio caso sejam persistentes.

### Dinâmica da taxa de câmbio e de seu equilíbrio de longo prazo

(Em R\$/US\$ | Média dos valores diários de cada mês)

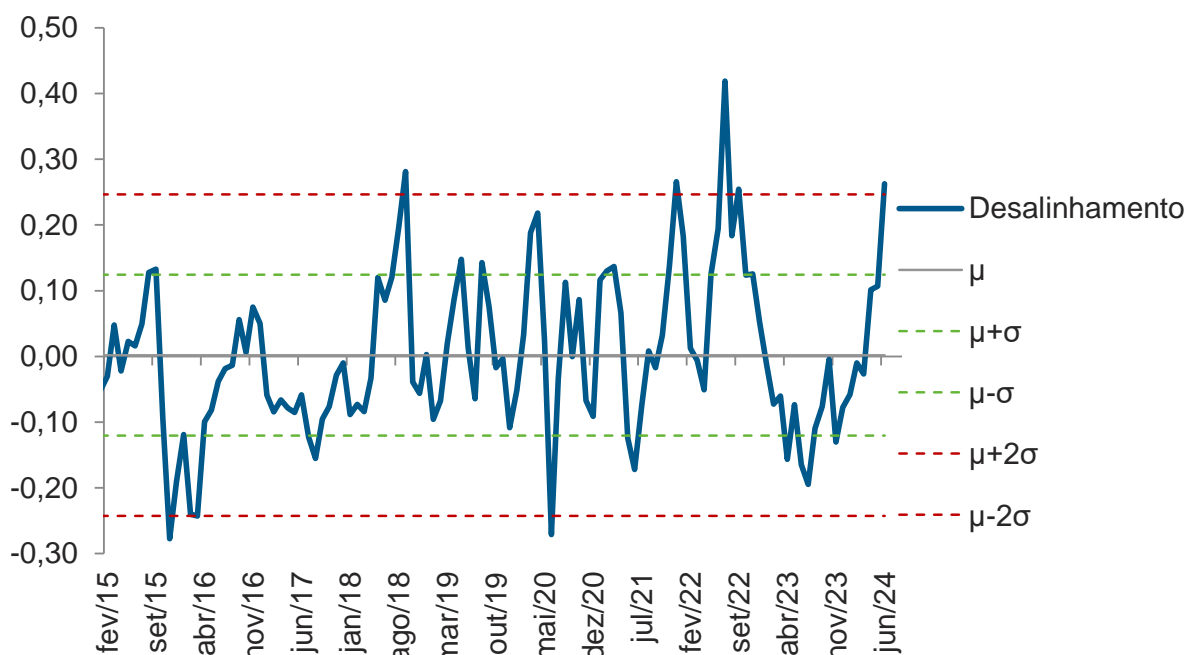


Fonte: SGS/BCB. Investing.com. Elaboração: UEE/FIERGS.

<sup>5</sup> O *US Dollar Index* representa a dinâmica do Dólar norte americano frente a uma cesta de moedas globais. Valores altos do índice estão associados a um fortalecimento dessa divisa e, conseqüentemente, um menor apetite global ao risco.

Em junho de 2024, a divisa brasileira (R\$ 5,39/US\$) estava cotada acima da taxa compatível com seus fundamentos (R\$ 5,13/US\$). Pela dinâmica observada é possível verificar que, em junho de 2024, o desalinhamento ficou acima de um ( $\sigma$ ) e dois desvios padrões ( $2\sigma$ ) acima da média ( $\mu$ ), o que sinaliza um momento de estresse elevado no mercado. Na última vez que em que houve nervosismo semelhante, o cenário iii) foi o preponderante. Nesse caso, provavelmente teremos uma correção da taxa de câmbio para seus fundamentos e as características subjacentes, que governam o sistema, passarão a indicar uma taxa de equilíbrio mais elevada.

**Dinâmica do desalinhamento cambial**  
 (Em R\$/US\$ | Valor nominal menos valor de equilíbrio)



Fonte: SGS/BCB. Investing.com. Elaboração: UEE/FIERGS. Nota: Valores acima de zero indicam margem para apreciação cambial tudo o mais constante, onde  $\mu$  representa a média amostral histórica do desalinhamento e  $\sigma$  o desvio padrão amostral histórico do desalinhamento.

Quanto à dinâmica recente, a taxa de câmbio compatível com os fundamentos de longo prazo, que estava em R\$ 4,97/US\$ em dez/23, avançou para R\$ 5,13/US\$ em jun/24 (+R\$ 0,15/US\$ | +3,0%). O modelo aponta que o principal fundamento a explicar essa variação foi a Expectativa da taxa de câmbio (+3,3%), isto é, o mercado como um todo passou a precificar uma desvalorização do Real para os próximos 12 meses. A taxa de juros real interna, por outro lado, exerceu papel apreciativo no período (-1,1%) e a externa depreciativo (+0,6%). Por fim, as demais variáveis mostraram pouca influência no comparativo dos dois períodos: o impacto do apetite ao risco do

mercado (DXY) foi nulo e, enquanto o CRB exerceu papel apreciativo (-0,2%), o CDS de 5 anos depreciou a taxa de equilíbrio (+0,4%).

### Componentes da taxa de câmbio

(Em R\$/US\$ | Mês de jun/24 com relação a dez/23)

	Var.R\$	Var.%
<b>Equilíbrio</b>	<b>0,15</b>	<b>3,05</b>
Et	0,18	3,34
rt*	0,01	0,64
rt	-0,01	-1,12
DXY	0,00	0,00
CRB	0,00	-0,18
CDS	0,00	0,38
<b>Desvio</b>	<b>0,34</b>	<b>7,00</b>
<b>Câmbio</b>	<b>0,49</b>	<b>10,04</b>

Fonte: SGS/BCB. Investing.com. Elaboração: UEE/FIERGS. Nota: Et refere-se às expectativas de taxa de câmbio para os próximos 12 meses, rt à taxa de juros real ex-ante interna de um ano, rt\* à taxa de juro real-ante externa, DXY representa o *Dollar Index*.

A taxa de câmbio observada encontra-se acima do que seria compatível com seus fundamentos de longo prazo. As preocupações dos agentes de mercado com relação aos desenvolvimentos futuros da economia brasileira (conforme apontado pelo avanço das expectativas de câmbio) foram primordiais para que houvesse alteração do equilíbrio. Incidentalmente, o desvio mostra que o mercado passou por um período elevado de estresse macroeconômico. Veremos, nos próximos meses, movimentos dissonantes na taxa, por um lado uma apreciação deve ocorrer se o governo sinalizar de maneira crível que está alinhado a uma política fiscal mais responsável e, caso esse não seja o caso, veremos as variáveis subjacentes apresentarem avanço generalizado, trazendo o equilíbrio a um nível mais elevado. Embora o primeiro cenário seja o preferível, visto que taxas de câmbio mais elevadas acabam por influenciar diretamente a inflação, o segundo cenário nos parece o mais plausível.

## Exportações da Indústria de Transformação gaúcha no primeiro semestre de 2024

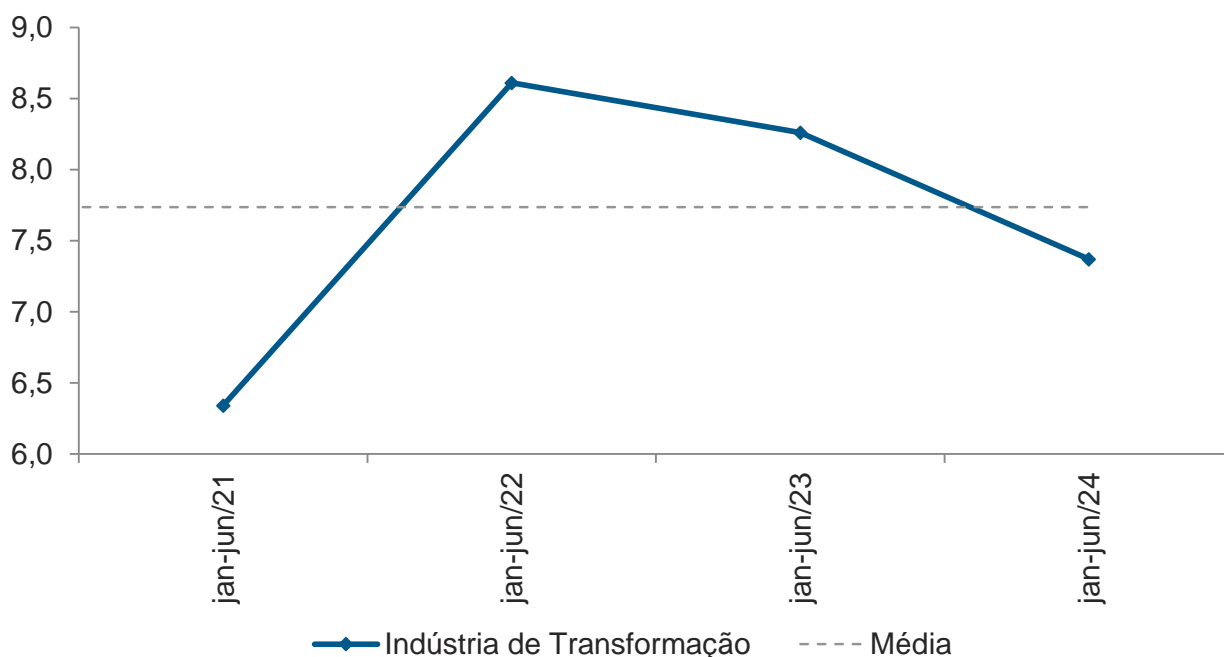
Nos primeiros seis meses de 2024, a Indústria de Transformação gaúcha apresentou US\$ 7,4 bilhões com exportações, configurando uma retração de US\$ 892,0 milhões (-10,8%) frente ao primeiro semestre de 2023. No período tanto preços quanto quantidades apresentaram recuo, embora a queda do quantum (-8,2%) tenha apresentado maior influência do que o declínio dos

preços médios (-2,7%). Nesse período, 12 dos 23 segmentos que compõem a Indústria de Transformação apresentaram decréscimo em suas vendas quando comparados aos primeiros seis meses de 2023.

É importante destacar que, comparando o resultado do acumulado nos primeiros seis meses com a média do período nos últimos 3 anos, houve uma queda de US\$ 370,0 milhões (-4,8%). Com um cenário internacional mostrando-se menos aquecido, resultado de políticas monetárias mais contracionistas para conter o avanço da inflação, as exportações da Indústria de Transformação têm apresentado trajetória decrescente. O choque climático teve o efeito de aprofundar a tendência observada.

### Exportações da Indústria de Transformação – RS – 1º semestre

(Em bilhões de R\$)



Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração: UEE/FIERGS. Nota: Calculou-se a média do acumulado do primeiro semestre nos últimos 3 anos (2021, 2022 e 2023), sem considerar os dados referentes aos primeiros seis meses de 2024.

O resultado semestral de Alimentos (US\$ 2,4 bilhões | -US\$ 583,3 milhões | -19,7%) foi influenciado principalmente por uma menor quantidade (-17,3%) de mercadorias enviadas ao mercado externo, visto que preços apresentaram retração de 3,0%. Destaca-se que o resultado semestral do segmento ficou US\$ 330,0 milhões abaixo de sua média de 3 anos. Quanto aos ramos de produção, Óleos vegetais em bruto (US\$ 811,5 milhões | -US\$ 398,2 milhões) embarcou suas mercadorias principalmente para a Coreia do Sul (US\$ 18,7 milhões | +US\$ 88,6 milhões), o Abate



de aves (US\$ 647,8 milhões | -US\$ 131,5 milhões) teve seus produtos comprados majoritariamente pelos Emirados Árabes Unidos (US\$ 95,4 milhões | +US\$ 17,5 milhões) e, por fim, o Abate de suínos (US\$ 262,9 milhões | -US\$ 57,7 milhões) enviou a maior parte de sua produção para a China (US\$ 106,3 milhões | -US\$ 106,2 milhões).

Em segundo lugar, o segmento de Tabaco apresentou US\$ 1,1 bilhão em exportações no primeiro semestre. A movimentação foi positiva visto o incremento de US\$ 66,0 milhões nas receitas (+6,2%), explicada mais pelo melhor poder de barganha dos exportadores do segmento, visto que preços médios avançaram 18,2% e o quantum caiu 10,1%. O Processamento industrial do tabaco (US\$ 1,1 bilhão | +US\$ 72,3 milhões) foi o principal destaque, com produtos embarcados principalmente para a China (US\$ 294,5 milhões | +US\$ 59,7 milhões). O resultado semestral ficou US\$ 281,2 milhões acima da média de 3 anos para os primeiros seis meses do ano.

O terceiro segmento com maior receita com exportações nos primeiros seis meses de 2024, Químicos, apresentou faturamento de US\$ 615,3 milhões (+US\$ 3,7 milhões | +0,6%). O desempenho dos preços médios (-15,9%) e do quantum (+17,5%) apontam para um cenário de oferta mais expansiva. Desse segmento, destacou-se o ramo de Resinas termoplásticas (US\$ 352,6 milhões | +US\$ 22,1 milhões) cujos principais embarques foram para a Bélgica (US\$ 60,0 milhões | +US\$ 7,5 milhões). O resultado semestral ficou US\$ 132,7 milhões abaixo de sua média de 3 anos.

Vale destacar também, na comparação do primeiro semestre de 2024 em relação ao mesmo período do ano passado, os resultados negativos de Couro e calçados (US\$ 449,7 milhões | -US\$ 13,7 milhões | -3,0%), de Máquinas e equipamentos (US\$ 448,7 milhões | -US\$ 182,0 milhões | -28,9%) e de Veículos automotores (US\$ 403,4 milhões | -US\$ 138,2 milhões | -25,5%), todos impactados pelas chuvas intensas que atingiram o estado gaúcho em maio.

O Rio Grande do Sul importou US\$ 5,9 bilhões em mercadorias estrangeiras nos primeiros seis meses de 2024, retração de US\$ 1,0 bilhão frente ao mesmo período de 2023 (-14,8%). Dada a complementaridade da estrutura produtiva do Rio Grande do Sul com o mercado externo, a menor demanda gaúcha por Bens intermediários (US\$ 3,3 bilhões | -US\$ 459,5 milhões | -12,3%) e por Bens de capital (US\$ 1,1 bilhão | -US\$ 88,0 milhões | -7,6%) sinaliza um mercado interno menos aquecido, visto o menor consumo, por parte da indústria do RS, de insumos e de maquinário utilizados diretamente no processo produtivo. A maior parte dos produtos importados pelo estado foram os pertencentes ao segmento de Químicos (US\$ 1,3 bilhão | -US\$ 197,4 milhões | -13,6%), principalmente aqueles relacionados aos Intermediários para fertilizantes (US\$ 400,6 milhões | -US\$ 82,2 milhões), adquiridos majoritariamente do Marrocos (US\$ 144,4 milhões | -US\$ 0,3 milhão) e da Arábia Saudita (US\$ 88,0 milhões | -US\$ 48,3 milhões).

**RESULTADOS DE JUNHO DE 2024**

Em junho de 2024, o Rio Grande do Sul exportou US\$ 1,2 bilhão em produtos da Indústria de Transformação, uma queda nominal de US\$ 121,7 milhões (-9,1%) frente ao mesmo período de 2023. O resultado mensal foi puxado tanto por menores preços médios (-5,4%) quanto por uma diminuição nas quantidades (-3,9%). No período, somente 9 segmentos apresentaram aumento em suas receitas com exportações. Alimentos (US\$ 425,7 milhões | -US\$ 72,7 milhões | -14,6%) teve o maior faturamento em junho de 2024, tendo seu resultado influenciado mais pela retração nas quantidades exportadas (-17,3%) do que pelos preços médios (+3,3%), em linha com uma contração na curva de oferta. Tabaco, em segundo lugar, apresentou resultado de US\$ 201,8 milhões, queda de US\$ 7,4 milhões (-3,5%) frente ao mesmo período de 2023. Enquanto os preços médios apresentaram avanço de 25,0%, a quantidade exportada apresentou redução de 22,8%, sinalizando uma queda na curva de oferta. Por fim, o RS importou US\$ 1,1 bilhão em mercadorias estrangeiras em junho de 2024, um incremento de US\$ 142,9 milhões (+15,1%) ante junho de 2023. A maior parte dos produtos comprados foram os pertencentes ao segmento de Químicos (US\$ 282,0 milhões | +US\$ 45,8 milhões | +19,4%), o principal ramo foi o de Intermediários para fertilizantes (US\$ 93,0 milhões | +US\$ 17,0 milhões).

Dado o choque climático que atingiu o RS em maio, muito da capacidade produtiva foi atingida, em especial a estrutura logística. Vale mencionar que o ciclo de produção é diferente para cada tipo de mercadoria, com a produção de ciclo mais curto respondendo rapidamente aos choques e a de ciclos longos com defasagens variadas. Continuaremos a ver, nos próximos meses, as demais ondas do efeito da enxurrada até que a malha produtiva apresente estabilização completa. Segundo a Sondagem Industrial do Rio Grande do Sul mais recente, os industriais gaúchos mostram-se pessimistas com as exportações para os próximos 6 meses. O índice de difusão – que varia de zero a cem, tendo a linha de 50 pontos como divisor para expectativas positivas (quando acima) e negativas (quando abaixo) – foi de 48,1 pontos na última publicação de maio.

## DADOS E PROJEÇÕES PARA A ECONOMIA BRASILEIRA

	2020	2021	2022	2023	2024*
<b>Produto Interno Bruto Real (% a.a.)<sup>1</sup></b>					
Agropecuária	4,2	0,0	-1,1	15,1	0,5
Indústria	-3,0	5,0	1,5	1,6	1,3
Serviços	-3,7	4,8	4,3	2,4	1,7
<b>Total</b>	<b>-3,3</b>	<b>4,8</b>	<b>3,0</b>	<b>2,9</b>	<b>1,5</b>
<b>Produto Interno Bruto Real (Em trilhões correntes)</b>					
Em R\$	7,610	9,012	9,915	10,856	11,482
Em US\$ <sup>2</sup>	1,476	1,670	1,920	2,170	2,295
<b>Inflação (% a.a.)</b>					
IGP-M	23,1	17,8	5,5	-3,2	4,0
INPC	5,4	10,2	5,9	3,7	4,1
IPCA	4,5	10,1	5,8	4,6	4,1
<b>Produção Física Industrial (% a.a.)</b>					
Extrativa Mineral	-3,4	1,0	-3,2	7,0	1,7
Transformação	-4,6	4,3	-0,4	-1,0	1,1
<b>Indústria Total<sup>3</sup></b>	<b>-4,5</b>	<b>3,9</b>	<b>-0,7</b>	<b>0,2</b>	<b>1,4</b>
<b>Empregos Gerados – Mercado Formal (Mil vínculos)</b>					
Agropecuária	37	146	64	35	30
Indústria	143	720	441	286	221
Indústria de Transformação	45	439	214	103	109
Construção	95	245	193	159	99
Extrativa e SIUP <sup>4</sup>	4	36	35	24	13
Serviços	-372	1.914	1.508	1.163	706
<b>Total</b>	<b>-192</b>	<b>2.780</b>	<b>2.013</b>	<b>1.484</b>	<b>956</b>
<b>Taxa de desemprego (%)</b>					
Fim do ano	14,2	11,1	7,9	7,4	7,6
Média do ano	13,8	13,2	9,3	8,0	7,9
<b>Setor Externo (US\$ bilhões)</b>					
Exportações	209,2	280,8	334,1	339,7	336,8
Importações	158,8	219,4	272,6	240,8	241,6
<b>Balança Comercial</b>	<b>50,4</b>	<b>61,4</b>	<b>61,5</b>	<b>98,8</b>	<b>95,2</b>
<b>Moeda e Juros</b>					
Meta da taxa Selic – Fim do ano (% a.a.)	2,00	9,25	13,75	11,75	10,50
Taxa de Câmbio – Final do período (R\$/US\$)	5,20	5,58	5,22	4,84	5,08
<b>Setor Público (% do PIB)</b>					
Resultado Primário	-9,2	0,7	1,3	-2,3	-1,2
Juros Nominais	-4,1	-5,0	-5,9	-6,6	-6,3
Resultado Nominal	-13,3	-4,3	-4,6	-8,9	-7,5
Dívida Líquida do Setor Público	61,4	55,8	57,1	60,9	64,5
Dívida Bruta do Governo Geral	86,9	78,3	72,9	74,3	79,2

Fontes: IBGE, BCB, FGV, ME, MTP, STN. \* Projeções da Unidade de Estudos Econômicos – FIERGS. 1 O PIB Total é projetado a preços de mercado; os PIBs Setoriais são projetados a valor adicionado. 2 Taxa de câmbio média anual utilizada para o cálculo e IPCA utilizado como inflação. 3 Não considera a Construção Civil e o SIUP. 4 SIUP = Serviços Industriais de Utilidade Pública.

## DADOS E PROJEÇÕES PARA A ECONOMIA GAÚCHA

	2020	2021	2022	2023	2024*
<b>Produto Interno Bruto Real (% a.a.)<sup>1</sup></b>					
Agropecuária	-29,6	53,0	-41,7	16,3	37,1
Indústria	-6,1	8,1	1,6	-4,0	1,8
Serviços	-5,0	4,4	3,8	2,7	1,5
<b>Total</b>	<b>-7,2</b>	<b>9,3</b>	<b>-2,8</b>	<b>1,7</b>	<b>4,7</b>
<b>Produto Interno Bruto Real (Em bilhões correntes)</b>					
Em R\$	470,942	581,284	592,683	640,299	697,880
Em US\$ <sup>2</sup>	91,317	107,747	114,752	128,189	140,983
<b>Empregos Gerados – Mercado Formal (Mil vínculos)</b>					
Agropecuária	2	7	3	1	1
Indústria	-1	47	29	-9	6
Indústria de Transformação	0	43	22	-6	5
Construção	-1	5	7	-2	1
Extrativa e SIUP <sup>3</sup>	0	-1	1	-1	0
Serviços	-42	90	68	55	14
<b>Total</b>	<b>-41</b>	<b>144</b>	<b>100</b>	<b>47</b>	<b>21</b>
<b>Taxa de desemprego (%)</b>					
Fim do ano	8,6	8,1	4,6	5,2	5,0
Média do ano	9,3	8,7	6,1	5,3	5,2
<b>Setor Externo (US\$ bilhões)</b>					
Exportações	14,1	21,1	22,6	22,3	23,0
Indústria de Transformação	10,4	14,4	17,7	16,8	17,1
Importações	7,6	11,7	16,0	13,8	15,4
<b>Balança Comercial</b>	<b>6,5</b>	<b>9,4</b>	<b>6,6</b>	<b>8,5</b>	<b>7,6</b>
<b>Arrecadação de ICMS (R\$ bilhões)</b>					
	<b>36,2</b>	<b>45,7</b>	<b>43,3</b>	<b>44,7</b>	<b>46,8</b>
<b>Indicadores Industriais (% a.a.)</b>					
Faturamento real	-3,1	8,9	5,9	-7,2	2,1
Compras industriais	-5,5	31,2	-0,5	-14,8	7,5
Utilização da capacidade instalada (em p.p.)	-4,5	5,7	-0,7	-3,3	1,0
Massa salarial real	-9,0	5,3	10,9	2,8	0,6
Emprego	-1,9	6,7	5,9	-0,8	0,2
Horas trabalhadas na produção	-5,5	15,2	8,4	-3,5	1,5
<b>Índice de Desempenho Industrial – IDI/RS</b>	<b>-4,7</b>	<b>12,9</b>	<b>4,1</b>	<b>-5,6</b>	<b>2,8</b>
<b>Produção Física Industrial<sup>4</sup> (% a.a.)</b>					
	<b>-5,5</b>	<b>9,0</b>	<b>1,1</b>	<b>-4,7</b>	<b>2,3</b>

Fontes: DEE/Seplag-RS, IBGE, BCB, ME, MTP, SEFAZ-RS, UEE/FIERGS. \* Projeções da Unidade de Estudos Econômicos – FIERGS. 1

O PIB Total é projetado a preços de mercado; os PIBs Setoriais são projetados a valor adicionado. 2 Taxa de câmbio média anual utilizada para o cálculo e IPCA utilizado como inflação. 3 SIUP = Serviços Industriais de Utilidade Pública. 4 Não considera a Construção Civil e o SIUP.

**Informações sobre as atualizações das projeções:**

**Economia Brasileira:** Não houve alterações nas projeções de 2024.

**Economia Gaúcha:** Não houve alterações nas projeções de 2024.

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista desta Federação. É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

**Unidade de Estudos Econômicos**

Contatos: (51) 3347-8731 | [economia@fiergs.org.br](mailto:economia@fiergs.org.br)

Observatório da Indústria do Rio Grande do Sul | <https://observatorioidaindustriars.org.br/>